



**As vozes silenciadas: *Entre amigos*, de Amós Oz**

Silenced voices: *Between Friends* by Amos Oz

**Juliana Portenoy Schlesinger\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

juportenoy@gmail.com

**Resumo:** Este artigo propõe que *Entre amigos*, 2012, romance de Amós Oz, seja lido como adendo à produção literária israelense da Geração da Terra, ao ser constituído por pequenas histórias e por privilegiar pequenos personagens complexos e ambivalentes, na tentativa de se reconciliar com os dilemas pessoais que foram reprimidos na década de 1950. *Entre amigos*, no entanto, não se priva de valores coletivos. Ao contrário, é a partir deles que o indivíduo emerge.

**Palavras-chave:** Geração da Terra. Amós Oz. Silêncio.

**Abstract:** This article proposes that *Between Friends*, 2012, of Amos Oz, is an addendum to the Israeli literary production of the Land Generation. It is a novel constituted by several small histories that privilege complexes and ambivalent characters, in the attempt to reconcile them with their dilemmas that were repressed in the 1950s. "Between friends", however, does not deprive itself of collective values. On the contrary, it is from them that the individual emerges.

**Keywords:** Land Generation. Amos Oz. Silence.

“O escritor deve buscar [...] condições de trabalho e arte, de modo que o anseio do desenvolvimento pessoal completo não seja superior à dimensão do ideal social, e que a ideia coletiva lhe seja tão preciosa quanto o anseio artístico”.<sup>1</sup> Esse trecho do regimento da “Associação dos escritores dos *kibutsim* e *kvutsoth* de Israel”, de 1955, trazido por Nancy Rozenchan em *Literatura hebraica: vertentes do século XX*, ilustra, de forma paradigmática, o que trata Amós Oz em *Entre amigos*.

Amós Oz retorna, mais uma vez, ao palco kibutsiano para refletir sobre a sociedade israelense contemporânea. Inusitado, no entanto, é a maneira como reflete sobre a literatura enquanto reflexo de uma época, presa a um tempo e sujeita à sua interpretação.

---

\* Doutora e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo (USP) na área de Letras Orientais, Hebraico.

<sup>1</sup> ROZENCHAN, 2004, p. 9.



É bastante sabido o teor da literatura produzida pelos autores que foram canonizados na Israel do pós-Guerra da Independência. A valorização do hebraico, a negação da diáspora, a elaboração de um novo herói, o sentimento de glória e de poder, o coletivismo e o *kibuts* como locais supremo de convivência e microcosmo daquele mundo. A Geração da Terra, assim como qualquer geração literária, fez suas próprias escolhas, sempre tingidas por desejos éticos e morais, por anseios políticos, ideológicos e partidários.

No caso da Geração da Terra, ela mostrou, por meio da literatura, o quão apegada era ao solo pelo qual lutou e conquistou. Os indivíduos, nas suas obras, e suas questões particulares, foram quase que completamente calados, reduzidos ao sopro do deserto e ao barulho da enxada. Amós Oz reitera, em *Entre amigos*, que aqueles sentimentos que foram calados na década de 1950, naquela geração de escritores, foram silenciados para sempre. Foi uma escolha e ela tem como consequência uma literatura canonizada. Os prováveis escritores que se adentraram no ramo do indivíduo naquela época foram calados juntamente com seus personagens.

Oz sugere, assim, uma visita à uma antiga e conhecida “casa” apresentada inicialmente pelos autores da Geração da Terra da literatura israelense. O escritor pode adentrar um espaço e descrever as cores que são utilizadas para tingir suas paredes, seus móveis, quantas pessoas estão lá, em que posição estão, sobre o que falam, enfim, ele escolhe o que haverá naquela sala e o que será mantido nas suas sombras. Oz convida o leitor a vislumbrar as penumbras daquele ambiente. Oz visita o imaginário do *kibuts* Ikhat e procura ver aquilo que não apareceu na obra de seus antecessores e se pergunta: o que foi calado? Sobre o que falariam aqueles personagens se a eles fosse dado voz?

Dar a voz ao “nativo” é um jargão mais que recorrente na antropologia e nos estudos culturais contemporâneos. Como se a escolha do nativo que será ouvido fosse, por assim dizer, natural. Ele está lá, esperando a sua vez para falar. Mas, a qual nativo dar a voz? O escritor buscará seu nativo, a voz que ele quer ouvir.

Amós Oz é um escritor político por excelência. *Entre amigos* levanta questões éticas e morais por meio de personagens e histórias que podem ser lidas como uma grande ode a um pensamento ou uma manifestação política. Mas o romance não é de forma algum um manifesto. Problemas que foram suprimidos nas primeiras décadas do Estado, tal como o *mizrachi*, os árabes, a diáspora, a Shoá, a mulher, entre outros, podem ser motes para análise e leitura de *Entre amigos*. Oz é, contudo, muito bem sucedido na elaboração literária do romance, pois a política adentra o romance e funde-se com as emoções e ações de seus personagens, como queria Irving Howe.<sup>2</sup> Nesse sentido, *Entre amigos* é, de fato, uma revisita a uma sala conhecida, e de forma um tanto poética quanto minimalista, Oz coloca o ouvido na porta daquele “*kibuts*

---

<sup>2</sup> HOWE, 1998.



sonho” e tem a possibilidade de ouvir ecos de seres humanos humanizados, e não heroicizados, multifacetados, heterogêneos em suas origens e desejos, complexos e ambivalentes.

Alberto Manguel assim caracteriza o livro: “Ele pode ser lido como um romance composto por oito histórias, ou como um novelo de histórias tecidas em um romance”.<sup>3</sup> Seus personagens cruzam-se uns com os outros nas diversas historietas, o que gera, segundo Manguel, “um sentimento crescente de familiaridade desconfortável”. Essa técnica narrativa já havia sido usada por Oz no seu belo romance *Cenas da vida na aldeia*,<sup>4</sup> onde um personagem secundário numa história tem a possibilidade de surgir como protagonista em outra.

O crítico literário Omri Herzog, na sua resenha sobre “Entre amigos” publicada no ano de 2012 no jornal *Haaretz*,<sup>5</sup> também vê similaridades entre *Cenas da vida na aldeia* e *Entre amigos*. Para Herzog, *Cenas* já trazia uma escrita minuciosa, concisa, quase recatada, para falar de algo que pairava no ar daquela pequena aldeia, cujos personagens pouco falavam.

*Entre amigos*, ao contrário do que diz o título, não diz, aparentemente, nada sobre amizade. As relações que Amós Oz buscará no microcômico do *kibuts* Ikhat não são relações amistosas, como é de se presumir que fossem nas obras da Geração da Terra, ou relações pouco interessantes, que talvez pudessem ser desconsideradas em nome de um ideal coletivista maior. As vozes desse *kibuts*, trazido ele mesmo e trazidas, as vozes mesmas, das cinzas por Oz, não são vozes de amigos. As pessoas vivem solitárias, repletas de medos e angústias, não constituem um coletivo, embora vivam um projeto e um ideal coletivista.

Ciúmes e inveja, traição, orgulho, fofocas, preconceito. É isso que é apresentado ao leitor do ambiente kibutsiano recriado por Oz. A solidão também está presente nas oito histórias de *Entre amigos*. São, antes, indivíduos verdadeiros e não imaginados, indivíduos solitários que compartilham os espaços comuns do *kibuts*.

É disso que se fala, da disparidade entre o físico e o emocional. Esses são dois lugares que não convivem na narrativa de Oz. A arena política é habitada por pessoas apolíticas. Mas os personagens de *Entre Amigos* são contemporâneos, não são da década de 1950. As perguntas “até que ponto a ideologia sionista pode suprimir o lado individual e ambivalente desta empreitada pelo lado heróico?” e “Em que medida o heroísmo suprime seres humanos complexos?”, são contemporâneas, imbuídas de teorias culturais típicas do mundo pós-moderno, que não poderiam ser feitas naquela época, na década de 1950, quando o indivíduo foi reprimido. Oz escreve seu romance imbuído de questões contemporâneas. O ambiente é da década

---

<sup>3</sup> MANGUEL, 2016. (Tradução nossa).

<sup>4</sup> OZ, 2009.

<sup>5</sup> HERZOG, 2016. (Tradução nossa).



de 1960. As vozes e os personagens, de hoje. O livro é, assim, anacrônico por excelência.

Neste artigo, analiso a voz do protagonista que aparece na primeira história do romance. Tzvi Provizor é polonês e solteiro. Tem cerca de 50 anos e trabalha no *kibuts* Ikhat há vinte e dois anos de maneira dedicada e bem-sucedida no setor de paisagismo, sempre com canteiros bem cuidados e floridos. Ele instala caramanchões, planta flores em terrenos vazios, cactos em canteiros de pedra, instala fontes e repuxos com peixes dourados e plantas aquáticas. Faz mágica no solo desértico. “Tinha um senso estético e todos sabiam apreciar isso” (p. 8), conta o narrador presente em todas as oito histórias.

Uma palavra sobre esse narrador: ele narra na primeira pessoa do plural. Esse “nós” traz a voz onipresente do *kibuts* coletivo, sempre relatando o olhar malicioso desse ente abstrato e genérico, mas, ao mesmo tempo, é esse “nós” quem trará ao leitor as poucas informações íntimas e pessoais sobre os protagonistas de cada história.

Tzvi chegou ao *kibuts* antes do estabelecimento do Estado, revela o narrador: “Ele [...] piscou os olhos e contou que em sua infância, na pequena cidade de Yanow, na Polônia, sonhara em ser estudante. Mas quando surgiu o movimento juvenil sionista dos pioneiros, Tzvi se deixou levar por ele e desistiu dos estudos”.

Tzvi quase consegue falar. O narrador fala muito mais por ele do que ele mesmo o faz. Tzvi põe-se a pensar sobre temas distantes da sua vida enquanto indivíduo; ele se detém apenas na divulgação de notícias catastróficas. Sobre isso, fala com certa eloquência, mas sobre si mesmo, sobre o que o toca enquanto indivíduo, há um vazio. Com Luna Blank, viúva cujo marido morreria como reservista na fronteira da Faixa de Gaza, entretanto, estabelece uma relação de amizade. Esse narrador descreve o laço que é criado entre eles: “Trocamos algumas palavras ao anoitecer [...], ele conversava com ela e piscava e ela amassava seu lenço entre os dedos [...]”. Tzvi sempre piscava. Mas nada falava.

Tzvi e Luna constroem, assim, uma relação poética. Falam da natureza, conversam sobre plantas e pássaros, alguns comentários sobre as dificuldades do ensino naqueles tempos. Ele planta para ela flores em seu pequeno jardim particular e lhe entrega poemas. “Mas já às oito horas, ou oito e meia, se despediam e Tzvi voltava ao seu quarto monástico de solteiro, onde sempre pairava um pesado cheiro de solteirice”, conta o narrador (p. 13). Os dois, apesar de inúmeros comentários maldosos a respeito de sua relação, “não se assustaram com as fofocas e com as alfinetadas” e seguem se aproximando.

Tzvi, de fato, informa o narrador, tenta aproximar-se daquela mulher, com quem compartilha momentos agradáveis, mas não consegue concretizar esse desejo. Sente seu perfume, mas não consegue usufruir dele. Tem coisas a dizer, mas não as diz. Tzvi está preso a algo do qual não consegue desvencilhar-se. Ele traduz ao hebraico



versos “carregados de sofrimento” do poeta polonês. O que diz o escritor? O leitor não tem acesso a essa informação.

Herzog assim analisa o uso da linguagem em *Entre amigos*: “Sua escrita é em tom menor, silenciosa e quieta, utiliza uma parcela pequena das palavras do dicionário, com uma sintaxe simples e com empenho por um refinamento retórico e de trama”. Para o crítico, em comparação com a produção energética que caracterizou seus primeiros escritos sobre o *kibuts*, Oz parece fazer uma reflexão indulgente e melancólica sobre aquele lugar.

Tzvi Prozdor também é silencioso e quieto, certamente melancólico em relação a seu passado. Fala pouco, suas palavras contidas, seus sentimentos contidos. Indulgente? Luna pergunta: “Você foi um rapaz muito tímido. Mesmo agora você ainda é um pouco tímido”. Tzvi responde: “Você não me conhece muito bem”. Luna acrescenta: “Conte-me. Estou ouvindo”. E Tzvi diz: “Ouvi no rádio esta noite: no Chile um vulcão entrou em erupção. Quatro aldeias ficaram totalmente soterradas nas correntes de lava. A maior parte dos habitantes não conseguiu fugir.” (p. 14-15).

É isto o que Tzvi tem a dizer sobre si mesmo? Ele é a notícia catastrófica do rádio? Ele não é nada indulgente para com seu passado, afinal, ele abandonou o sonho dos estudos e foi plantar flores. Ele saiu da cidade e foi parar numa fazenda agrícola onde tudo o que pode dizer sobre si mesmo é catastrófico.

Os membros do *kibuts* conversam entre si sobre o contexto sociopolítico, sobre as operações de retaliação do exército israelense, sobre os árabes, sobre a guerra, sobre Ben Gurion, mas o que mais os interessa é a vida alheia. Vemos Tzvi nos olhos dos seus “mui-amigos”. “Corria a fofoca de que não tinha e nunca tivera interesse por mulheres e, na verdade, por homens também não” (p. 9). A Tzvi, pouco espaço é deixado de fala e nada de defesa. Ele fala pouco, emite sinais e não completa nem frases nem ações. Repete catástrofes somente. Algo o detém.

A escrita de Oz o detém. Tzvi também não conseguiu fugir. Nem de seu passado desvencilhou-se nem das possibilidades que a ele foram caladas, enquanto indivíduo, no *kibuts* Ikhat.

Está certo Omri Herzog quando diz que o silêncio é o grande mote de “Entre amigos”. Eu concordo com ele. Os personagens são contidos, pouco sabemos de suas histórias pessoais, as vozes mais bem ouvidas são vozes de fofoca e escárnio. Pouco sabemos dos escritores que leem, daquilo que abriram mão por um ideal maior que não se realizou no *kibuts*, o ideal coletivista e comunitário.

Oz teve a coragem de revisitar sua escrita sobre o *kibuts*, suas experiências no *kibuts* onde viveu sua juventude, os seus personagens, seus colegas reais e fictícios de *kibuts*, e de colocar o ouvido na porta. Tudo o que ele viu, contudo, foram indivíduos frágeis e o que ouviu, foi um profundo silêncio. Não somente porque aquela geração de escritores foi canonizada pela voz do coletivo, em detrimento do indivíduo, mas,



talvez mais difícil ainda seja esta conclusão, porque aquelas pessoas, de fato, não falavam nada.

A “Associação dos escritores dos *kibutsim* e *kvutsoi*” foi imperiosa no resultado da literatura hebraica segundo suas normas. Ao colocar o ouvido nas portas do *kibuts* imaginário, Amós Oz vislumbrou um emaranhado de histórias que se entrecortam e encontra uma voz coletiva maldosa e beligerante. Nessa voz, o físico e o emocional não convivem e os indivíduos vivem bifurcados entre ansiosos como indivíduos e a voz imperativa do coletivo.

Anacrônico por excelência, *Entre Amigos* tenta dar voz a estes indivíduos que foram calados e tenta unir corpo e mente, postura social e desejo. Ele tenta, assim como Tzvi Prozdor, fazer mágica no solo desértico da supervalorização do coletivo, um coletivo não construtivo, mas destrutivo por excelência. Esse narrador onipresente na voz do “nós”, também bifurcado entre um “nós” abstrato e malicioso, e um nós que redime o indivíduo, está atento ao fato de Tzvi sempre piscar, mas nunca falar do seu íntimo.

As memórias de Oz são melancólicas, tanto quanto Tzvi. O *kibuts*, de fato, é um local bonito, mas não é habitado por ideais belos de sociabilidade e respeito ao próximo. Ideais contemporâneos, e não modernos. Mas Oz não é indulgente. Todos são jogados num abismo, coletivo e individualmente. O fim de todos é a ruína, antecipada pela destruição da vila árabe vizinha ao *kibuts* Ikhat.

A oportunidade foi perdida. Tzvi e Luna tentam estabelecer uma relação independente do coletivo, mas no final da história, Luna vai embora e Tzvi volta a frequentar a sala dos membros do *kibuts*. A oportunidade foi perdida. Tudo o que existe é um vazio.

Tzvi, numa passagem da história, pergunta ao um membro do *kibuts* por quem passava: “Você ouviu falar de um escritor chamado Vislawski? Ele morreu. Escritores também morrem”. Acredito, sinceramente, que a história não perdoa as falhas dos homens. Nem Tzvi se perdoou, muito menos Oz perdoa os escritores que não relataram o vazio de seus personagens.

## Referências

HERZOG, Omri. Bein chaverim shel Amos OZ: leistikel achora velo bezaam (*Entre amigos*, de Amós Oz: olhar para trás sem raiva). *Haaretz*. 21 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/literature/prose/1.1668545>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

HOWE, Irving. *A política e o romance*. Trad. Margarida Goldszajn. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.



MANGUEL, Alberto. *Between Friends* by Amos Oz – review. 8 mai. 2013. *The Guardian*. <<https://www.theguardian.com/books/2013/may/08/between-friends-amos-oz-review>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

OZ, Amos. *Entre amigos*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ROZENCHAN, Nancy. *Literatura hebraica: vertentes do século XX*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

-----

Recebido em: 03/03/2017.

Aprovado em: 03/04/2017.